

ESTREITANDO OS LAÇOS ENTRE CIÊNCIA E SOCIEDADE

Ex-reitora da Unifesp fala sobre os objetivos de novo centro dedicado à análise e proposição de políticas de educação superior e financiamento da ciência

Rodrigo de Oliveira Andrade

A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) lançou em julho o Sou Ciência, força-tarefa de pesquisadores focada na produção de estudos e debates sobre políticas públicas de educação superior e financiamento da ciência, tecnologia e inovação (CT&I) no Brasil. O centro tem 19 cientistas de diferentes perfis e instituições, além de alunos de iniciação científica e pesquisadores em estágio de pós-doutorado. Com financiamento inicial da Fundação Tide Setubal, eles pretendem trabalhar na elaboração de diagnósticos e proposições para orientar tomadores de decisão em estratégias voltadas para essas áreas. Sob a coordenação da farmacêutica Soraya Smaili, reitora da Unifesp entre 2013 e 2021, a iniciativa também pretende ser um polo de reflexão sobre o papel da universidade na defesa da democracia e atuar como uma ferramenta de combate à desinformação e ao negacionismo. Na entrevista a seguir, a pesquisadora detalha os objetivos e as expectativas da iniciativa.

Quais são os objetivos do Sou Ciência?

Trata-se de um centro de estudos sobre universidade, ciência e sociedade. O objetivo é desenvolver pesquisas que contribuam para o aprimoramento dos modelos de educação superior e aproximem as universidades de diferentes atores e grupos sociais. Também iremos investir na produção de análises e propostas de mecanismos de financiamento da CT&I.

Como ele está estruturado?

O centro está sediado na Unifesp, mas congrega pesquisadores de várias universidades brasileiras. Fizemos um mapeamento dos cientistas que se dedicam a pesquisas sobre educação superior e financiamento público de CT&I no Brasil e os convidamos para participar da iniciativa. A ideia é que produzam estudos sobre os impactos das políticas de educação superior implementadas a partir dos anos 1990 e levantamentos históricos de financiamento da CT&I à luz de diferentes estratégias e recursos de diversas origens.

Qual o perfil desses pesquisadores?

São acadêmicos cujas pesquisas dialogam com a gestão da educação superior e da CT&I. É o caso do economista Evilasio da Silva Salvador, da Universidade de Brasília [UnB], que há muito se dedica a estudos sobre mecanismos de financiamento de políticas ligadas à ciência e educação no país. O centro também tem a participação do físico Carlos Eduardo Bielschowsky, da Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ], um dos responsáveis pela criação da Universidade Aberta do Brasil, programa criado em 2005 no Ministério da Educação que busca ampliar a oferta de cursos e programas de educação superior por meio da educação a distância.

Outra preocupação do centro é promover estudos sobre os impactos de projetos de extensão, não? Por quê?

Sim, pretendemos avaliar como as universidades brasileiras colaboraram, ou podem colaborar, com a sociedade e as administrações públicas na defesa da democracia e na garantia de direitos. Es-



Coordenadora do Sou Ciência, Smaili quer produzir um retrato mais nítido da realidade científica brasileira

sa linha de pesquisa está ligada a uma tradição da Unifesp de promover projetos sociais, mas essa não é uma prática recorrente em muitas instituições de ensino superior. Queremos fazer um levantamento dos projetos empreendidos pelas universidades brasileiras e estimar o impacto dessas iniciativas.

Como chegaram à delimitação das linhas de pesquisa?

A partir de um diagnóstico que eu e alguns colegas fizemos à época em que fui reitora da Unifesp. Percebemos que faltavam dados que pudessem nos orientar em relação a políticas de interesse da universidade. Por exemplo, são escassos os estudos sobre políticas públicas de educação superior implementadas nas últimas duas, três décadas no Brasil. Da mesma forma, quando alguém estuda o financiamento público à educação superior ou à CT&I, o faz de forma isolada.

Que tipo de pesquisa querem desenvolver?

A ideia é produzir trabalhos que inte-

grem essas informações e as analisem de forma ampla, de modo a respaldar o debate sobre esses assuntos e auxiliar os tomadores de decisão. Queremos saber o que deixamos de produzir por conta dos cortes no orçamento para a CT&I nos últimos anos, notadamente o contingenciamento do FNDCT [Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico]. Quais empreendimentos foram comprometidos? Qual o impacto disso para o futuro da CT&I brasileira?

O que pretendem com isso?

A ideia é, entre outras coisas, fazer um diagnóstico das consequências da redução do orçamento na formação de recursos humanos de pesquisa no país. Há casos de jovens doutores desistindo da carreira acadêmica e professores e pesquisadores se transferindo para instituições do exterior em busca de melhores condições de trabalho. Podemos estar experimentando uma fuga de cérebros, mas não há dados concretos sobre isso. Pretendemos abordar essa questão e oferecer um retrato mais nítido da realidade científica brasi-

leira. Também faremos um balanço da lei de cotas para o ensino superior, que completará uma década no próximo ano. Queremos entender os impactos social, econômico e científico dessa política.

Não pretendem estudar o financiamento privado à pesquisa?

Sim, mas estamos mais preocupados em analisar os impactos do fomento público, já que a maior parte da ciência brasileira é feita nas universidades públicas.

Como estão se articulando para fazer com que os resultados dessas pesquisas cheguem aos tomadores de decisão?

Estamos em contato com a Andifes [Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior] e a Iniciativa de Ciência e Tecnologia no Parlamento, coordenada pela SBPC [Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência] e outras 60 instituições, que procura se aproximar dos parlamentares para sensibilizá-los dos tópicos de interesse da comunidade científica.

O lançamento do centro nesse momento foi proposital?

Sim. Julgamos que o centro pode atuar no sentido de valorizar as instituições de ensino e pesquisa do país. A ciência e as universidades brasileiras nunca foram tão atacadas e desvalorizadas como agora. Ao mesmo tempo, estamos testemunhando sua importância no combate à pandemia. As pesquisas desenvolvidas no Sou Ciência vislumbram quantificar esse esforço e ressaltar a importância do conhecimento científico para as sociedades modernas.

Como planejam financiar as pesquisas do centro?

Contamos com um financiamento inicial de R\$ 300 mil da Fundação Tide Setubal por um ano, com possibilidade de renovação. Há também outros R\$ 300 mil oriundos de emendas parlamentares que deverão ser liberados em breve. Esses recursos estão sendo usados para o custeio de bolsas de pesquisadores em estágio de pós-doutorado e de estudantes de iniciação científica, que realizarão as atividades de pesquisa com os pesquisadores do centro. Além disso, temos a intenção de submeter projetos a agências de fomento à pesquisa. ■